

## **Manequins: além de coadjuvantes**

### **Fashion stands: beyond the supporting**

Lucia Regina Branco (mestre) aluna da pós-graduação *stricto sensu* em Design da  
PUC-RJ [luciaregina@hotmail.com](mailto:luciaregina@hotmail.com)

Claudio Magalhães (doutor), professor da pós-graduação *stricto sensu* em Design da  
PUC-RJ [claudio-design@puc-rio.br](mailto:claudio-design@puc-rio.br)

#### **Resumo**

Componente essencial na relação entre modelagem e peça pronta, o manequim tem um papel fundamental para a indústria de confecção, varejistas e instituições de ensino. Este artigo aponta alguns de seus usos e atualizações.

#### **Abstract**

Essential component in the relationship between modeling and ready clothes, the fashion stand plays an important role for the textile industry, sellers or even schools. This article points some of its uses and actualizations.

**Palavras-chave:** manequim; organização; modelagem tridimensional

#### **Introdução**

A indústria de confecção precisa testar as roupas que fabricará antes de colocá-las em programação de produção. Normalmente isto é feito em manequins estáticos ou pessoas cujas medidas prestem-se a esta finalidade. Mesmo quando as peças eram confeccionadas uma a uma em ateliês como o de Madeleine Vionnet, Nina Ricci e Chanel o uso dos manequins já era relatado, como conta Amaden-Crawford: “Madeleine Vionnet foi a primeira costureira a trabalhar com modelagem tridimensional sobre modelo vivo nos anos de 1920” (AMADEN-CRAWFORD, 2005,

p. 5). Apesar de conferirem maior precisão (principalmente por conta da simulação dos movimentos) os manequins vivos são mais onerosos e acabam por participar predominantemente do processo final, enquanto o processo produtivo até a peça piloto conta preponderantemente com manequins estáticos.

Conceber uma roupa é uma tarefa que depende de uma visão em concreto, de terceira dimensão, da qual nem todos os *designers* ou modelistas são dotados. Aliás, a habilidade de raciocínio espacial não nasce nos indivíduos, ela se desenvolve ao longo do tempo, e também nisto auxiliam os manequins. Pallasmaa relata que preparar uma pessoa para que desenvolva esta sensibilidade – que aqui no caso pode ser útil tanto para modelar, quanto para se imaginar dentro da roupa da vitrine antes mesmo de vesti-la – é uma educação, como descreve:

A tarefa da educação é cultivar e apoiar as habilidades humanas de imaginação e empatia, mas os valores prevalecentes da cultura tendem a desencorajar a fantasia, suprimir os sentidos e petrificar os limites entre o mundo e o ser. A ideia de educação sensorial, hoje em dia, é ligada apenas à educação artística, mas o refinamento da alfabetização sensorial e pensamento sensorial tem um valor insubstituível em todas as áreas da atividade humana (PALLASMAA, 2009, p. 134)<sup>1</sup>.

Enxergar a peça sobre o manequim é, pois, um momento de instigação dos sentidos, e o que se busca, neste artigo, é evidenciar algumas situações em que o manequim faz esta ponte entre o mundo e o ser a que se refere Pallasmaa, além de relatar uma situação de cuidado com esta ponte.

## **Metodologia**

Para este artigo foram efetuadas pesquisas de campo, de natureza exploratória, documentada por registros fotográficos realizados pelos pesquisadores e em parte aqui anexados, além da pesquisa bibliográfica. Dentre as empresas visitadas para a pesquisa até o momento constam instituições particulares de ensino no Brasil e no exterior, bem como empresas estrangeiras produtoras de manequins e lojas de departamento.

---

<sup>1</sup> Tradução livre

## Os tradicionais manequins de ensino-aprendizagem

Os cursos que se dedicam ao ensino de modelagem utilizam-se de manequins estáticos. Embora eles contemplem tamanhos que vão desde o infantil até o GG os mais adquiridos pelas escolas brasileiras são no tamanho 40. A questão que este subitem do artigo atualiza é o uso compartilhado deste material indispensável na sala de aula.

Nas visitas realizadas em instituições particulares de ensino percebe-se que o número de manequins é inferior ao de alunos, não tendo os coordenadores de curso uma proporção estabelecida para esta relação material x alunos. Em alguns casos a compra é feita consoante o orçamento disponível, que eventualmente tem que contemplar



Manequim na Parson's School, no qual a etiqueta alaranjada relaciona os usuários permitidos para cada horário de uso

substituição ou retirada – e indisponibilidade temporária do item – para conserto. Os casos de reclamação de falta de exemplares não são apontados como significativos, o problema surge por conta do uso que os alunos têm que fazer em conjunto com estranhos, em tempos alternados. Desta questão há duas decorrências mais frequentes: as marcações colocadas por um aluno logo são retiradas por outro, o que implica ao primeiro ter que recolocá-las, dispendendo tempo e alfinetes, e em segundo, os trabalhos eventualmente deixados para uma avaliação que se executaria em dia posterior acabam por ser mexidos.

Dentre as escolas visitadas a que pareceu ter o sistema mais interessante para dirimir a questão foi a Parson's, em Nova Iorque, Estados Unidos da América do Norte. Trata-se da atribuição de cada manequim a um número exclusivo de alunos e registro deles numa etiqueta, com dias e horários de uso (incluindo as horas em que o aluno usaria para estudo, fora dos momentos de aula). Desta feita apenas aqueles alunos deveriam ser vistos usando um determinado manequim e qualquer funcionário que surpreenda o item fora da sala ou com pessoa indevida tem a atribuição de questionar quem o detenha. É um sistema simples e pode ser adotado por qualquer instituição com um sistema de organização de patrimônio e alguma vigilância constante. O número da etiqueta precisa estar cadastrado juntamente com o número de patrimônio, de maneira a não ser facilmente retirável. O fato é que mesmo quando se pode tirar – ao menos no caso de Nova Iorque – a tendência a que isso ocorra não parece significativa, já que os alunos sabem onde está seu manequim e que nele estão suas marcações; tendem, assim, a dirigir-se ao local correto para exercitarem suas práticas.

### **Manequins em escala**

Usados desde 1920 por Madeleine Vionnet – que modelava e cortava suas peças sobre manequins feitos em madeira, na escala reduzida em 50% – conforme destaca Amaden-Crawford, ganham destaque como uso no *visual merchandising*.

A exibição da peça em escala permite, como se pode ver na fotografia anexa, o uso até mesmo decorativo na ambiência de loja. Ocupando espaço mais reduzido do que o manequim de tamanho próximo ao humano



Corner da Majestic, na Galeries Lafayette (Paris, 2010)

auxilia a mostrar maior número de modelos, sem dar a sensação de compressão do espaço de loja. Foi uma ideia contemplada, por exemplo, pela exposição da Majestic em Paris, no início do inverno de 2010, conforme ilustrado.

### **Manequins ajustáveis**

Estado da arte em matéria de manequim estático, comercializam-se inclusive por *internet* os produtos que contemplam ajustes diferenciados de medidas ao longo do tórax. Até o momento do levantamento de dados ainda não eram concebidos em material que facilitasse alfinetar a roupa; assim, executar peças com tecido diretamente sobre eles, só mesmo com suavidade e cautela, o que ainda dificulta a modelagem tridimensional. Permitem, todavia, provas de roupas com maior fidelidade às medidas.

É uma opção oferecida pelo mercado resultado da percepção crescente de que o manequim 40, seja lá em que país, não é um padrão para a maioria das mulheres. O corpo “em conformidade com os cânones elaborados e impostos pelo conluio inconsciente dos produtores de bens e serviços necessários à sua produção”

(BOURDIEU, 2004, p. 180) é a cada dia mais difícil de manter, quanto mais se aproxima a menopausa, e a cada dia aumenta o número de pessoas nessa faixa etária. Também o uso indiscriminado de implantes de próteses de silicone e plásticas faz com que novos contornos sejam delineados, como Courtine destaca:



Manequim ajustável por regulagens de busto, cintura e quadril

[...] obsessão pelos invólucros corporais: o desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo o que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido, uma contestação ativa da marcas do envelhecimento no organismo. Uma negação laboriosa de sua morte próxima (COURTINE, 1995, p. 86).

Constata-se, então, que a indústria de manequins inova também ao dar-se conta de que os modelos representativos do corpo humano também precisam ter a possibilidade de flexibilizarem-se. É o que se tenta fazer com os manequins ajustáveis, que grande auxílio podem prestar aos modelistas.

### Conclusões

Baseando-se na noção de usos de Certeau, tem-se neste artigo alguns exemplos nos quais se “instaura pluralidade e criatividade”, a partir de uma maneira de utilizar distinta do mesmo objeto criado há anos e cujo *design* tem, como se pôde observar, obtido um pouco dos “efeitos imprevistos” a que se refere de Certeau. O autor menciona que “essas operações de emprego – ou melhor, de reemprego – se multiplicam com a extensão dos fenômenos de aculturação” (CERTEAU, 2003, p. 93). Os novos usos que

surgem a cada dia podem ser aproveitados em qualquer parte do mundo, e logo tornam-se conhecidos de todos graças aos meios de comunicação. Objetos como os manequins podem, desta maneira, ultrapassar as fronteiras e desempenhar ainda melhor seu papel, que já não é – como se vê aqui – o de coadjuvantes.

## REFERÊNCIAS

AMADEN-CROWFORD, Connie. **The art of fashion draping**. [...]:Fairchild publications, 2005. 3<sup>a</sup>. ed

BOURDIEU, Pierre. **O Costureiro e sua Grife** in: A Produção da Crença: Contribuição para uma Economia dos Bens Simbólicos. São Paulo: Editora Zouk, 2004. 2<sup>a</sup>. ed.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 13<sup>a</sup> ed.

COURTINE, Jean Jacques. **Os Stakhanovistas do Narcisismo**: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo in Políticas do Corpo. Org SANT'ANNA, Denize Bernuzzi de. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 81-114.

PALLASMAA, Juhani. **The thinking hand**. United Kingdon: Johnn Wiley and Sons Ltd, 2009.